



DESMISTIFICANDO O “RÓTULO NATIVOS DIGITAIS”

Aline Cristiana Ferreira¹

¹ UFMG/aline_ferreira1974@outlook.com

Resumo: Este artigo objetiva apresentar um recorte de uma pesquisa que está sendo desenvolvida em uma Escola Estadual de Mariana, Minas Gerais. Para geração dos registros, foi aplicado um questionário para traçar o perfil socioeconômico dos alunos e conhecer sua relação com a leitura na internet. A análise dos dados permitiu uma reflexão sobre o mito “nativos digitais”, pois demonstra que os jovens não acessam a internet o tempo todo.

Palavras-chave: Nativos digitais, mito, internet, celular.

1. Introdução

O presente artigo tem o objetivo de apresentar um recorte de uma pesquisa que está sendo desenvolvida em uma Escola Estadual de Mariana, Minas Gerais, a partir do projeto de ensino “Letramento digital: o celular como ferramenta pedagógica para o aprimoramento de habilidades de leitura de charges”. Tal projeto está em desenvolvimento, por isso este artigo se ocupará de um recorte feito a partir de um questionário aplicado aos alunos do 9º ano com o objetivo de traçar um perfil da turma que participará do projeto que necessitará da utilização do celular conectado à internet para o desenvolvimento das atividades propostas.

Atualmente vários especialistas defendem que os jovens são nativos digitais, uma geração nascida e criada na internet e que se mantêm conectados o tempo todo através de seus smartphones, pois estão sempre com esse dispositivo em mãos inclusive nas salas de aula. Dessa forma, cria-se a falsa impressão de que o uso da internet na sala de aula é uma necessidade, para motivar os alunos e despertar neles o interesse pelo aprendizado que parece cada vez mais distante de suas práticas sociais. Considerando que as escolas não têm computadores ou eles não funcionam, uma alternativa seria utilizar os celulares. Nesse sentido, minha pesquisa procura identificar quantos alunos efetivamente possuem smartphones e quantos utilizam internet nesses aparelhos.



2. Fundamentação teórica

As tecnologias digitais fazem parte do cotidiano escolar contemporâneo, como forma de comunicação, interação, pesquisa e busca de informação. Segundo Coscarelli (2016), “as tecnologias digitais, disponíveis agora nos celulares são amplamente utilizadas por todas as camadas sociais”, já Breton (2017) defende que “os adolescentes de hoje cresceram na trivialidade do uso das redes e dispositivos móveis. Essas tecnologias modelam as suas identidades e a sua relação com o mundo”. Esses pesquisadores unem-se em uma vertente que defende que os jovens de hoje são nativos digitais.

Contudo, para a educadora australiana Sue Bennett (2010), diretora do Centro de Tecnologia em Educação da Universidade de Wollongong na Austrália, é uma ilusão acreditar que os jovens têm intimidade inata com as novas tecnologias. Ela considera que o rótulo “nativos digitais” não tenha muita utilidade, uma vez que cria a impressão de que todos os jovens têm acesso irrestrito à tecnologia e a utilizam com familiaridade, o que segundo ela não é verdade.

Isso é um grande perigo. Se mudarmos as práticas nas escolas para incorporar essas tecnologias e atender os chamados nativos digitais, poderemos deixar a educação inacessível para a maioria dos jovens, que não está tão integrada ao mundo digital. Poderá agravar a situação dos estudantes deixados para trás. (BENNETT, 2010, p.1)

De acordo com o IBGE (BRASIL, 2016) havia 116 milhões de pessoas conectadas à internet, em 2016, o equivalente a 64,7% da população com idade acima de 10 anos, registra-se ainda que apesar de 77,1% dos brasileiros possuírem celular e 64,7% tenham declarado acessar a internet, há 63,3 milhões de pessoas que se mantêm off-line. Os dados da 4ª edição da pesquisa TIC Kids Online, feita pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil, revela que 5,9 milhões de crianças e adolescentes não têm acesso à internet em 2016. Esses dados corroboram a perspectiva de que jovens não são nativos digitais, apesar de estarem o tempo todo com seus aparelhos em mãos.



3. Metodologia

Trata-se do recorte de um questionário utilizado em minha pesquisa, cuja natureza investigativa será pautada numa pesquisa de natureza interpretativista, que

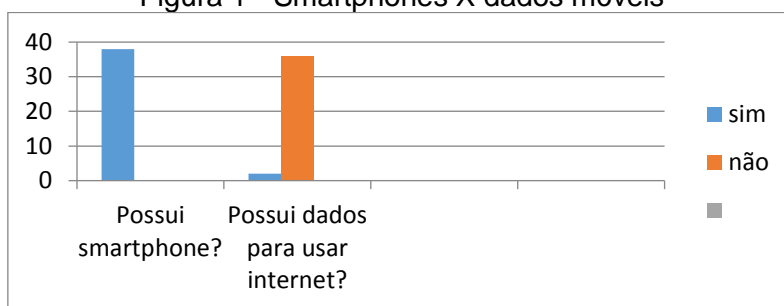
[...] não está interessada em descobrir leis universais por meio de generalizações estatísticas, mas sim estudar com muitos detalhes uma situação específica para compará-la a outras situações. Desta forma, é tarefa da pesquisa qualitativa de sala de aula construir e aperfeiçoar teorias sobre organização social e cognitiva da vida em sala de aula, que é o contexto por excelência para a aprendizagem dos educandos. (BORTONI-RICARDO, 2008, p.17)

Como mencionado anteriormente, a pesquisa será realizada com 38 alunos, com idade entre 13 a 16 anos, do 9º ano da Escola Estadual Dom Benevides em Mariana, MG. Para geração dos registros, foi aplicado um questionário para traçar o perfil socioeconômico dos alunos e conhecer sua relação com a leitura na internet. Utilizei as perguntas “Você possui celular?”, “Você possui dados para utilizar a internet?”, “O que faz com o celular em sala?” do questionário como recorte para a geração de dados deste artigo. Farei uma análise das respostas que serão apresentadas em gráficos.

4. Análise e interpretação de dados

Minha pesquisa procura identificar quantos alunos efetivamente possuem smartphones e quantos utilizam internet nesses aparelhos. A partir da análise e interpretação dos dados, pude verificar que 38 alunos dos entrevistados possuem smartphones, porém apenas dois utilizam dados móveis em seus aparelhos.

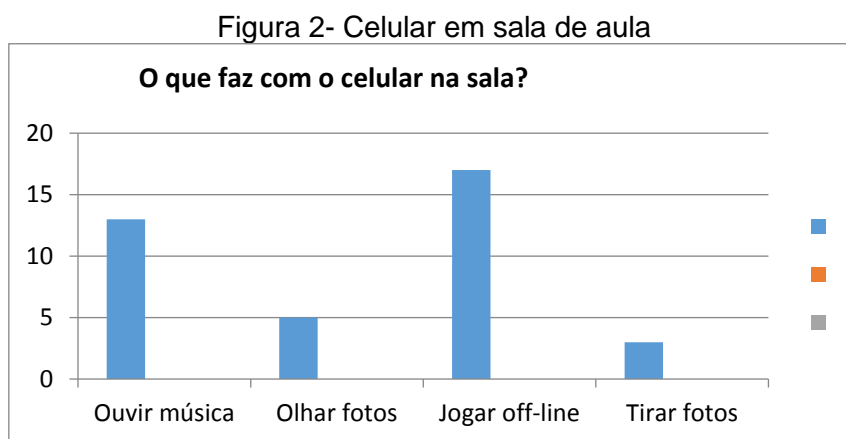
Figura 1- Smartphones X dados móveis



Fonte: Elaboração da pesquisadora



Percebe-se também que 17 alunos utilizam o celular durante as aulas para jogar off-line, 13 alunos para ouvir música, 5 estudantes utilizam para visualizar fotos e 3 para tirar fotos.



Fonte: Elaboração da pesquisadora

Desta forma, pode observar que esses jovens utilizam seus smartphones em sala como uma maneira de manter certo *status* diante do grupo, e para fazer parte deste grupo que aparentemente está sempre conectado, uma vez que todos exibem seus aparelhos o tempo todo. Segundo os jovens, o que os afasta do acesso online é o alto custo do serviço de dados móveis, mantendo-se conectados apenas em casa.

5. Considerações finais

A análise dos dados obtidos permitiu uma reflexão sobre o mito “nativos digitais”, pois demonstra que os jovens não acessam a internet o tempo todo, não possuem familiaridade com muitas ferramentas tecnológicas, assim não podem ser considerados nativos digitais. Ou seja, dizer que todos os alunos são nativos digitais e que se mantêm conectados o tempo todo é um mito, isso é o que afirma a educadora Sue Bennett. Ela considera que, o rótulo dado a uma geração cria a impressão de que todos os jovens têm acesso e intimidade com as tecnologias digitais. “As diferenças dentro dessa geração são tão grandes quanto o que os



distinguiria da geração dos mais velhos”(BENNETT, 2010)

Este rótulo pode prejudicar a educação de muitos jovens que não têm acesso à internet, caso a escola incorpore as tecnologias para atender apenas os “nativos digitais”, esquecendo o fato de existirem muitos estudantes sem acesso.

Embora a pesquisa ainda esteja em desenvolvimento, a primeira etapa - aplicação do questionário – permitiu um redirecionamento na proposta do projeto de ensino, pois a expectativa era que de que todos os alunos tivessem acesso à internet em seus celulares.

Referências

BENNETT, Sue. “A geração de ‘nativos digitais’ é um mito”. Entrevista à Revista Época. 2010. In: revistaepoca.globo.com. Acesso em: 27maio.2018. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI127718-15228,00-a+geracao+de+nativos+digitais+e+um+mito.html>>

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2016. Disponível em:<<https://www.ibge.gov.br/>> Acesso em 03 jun.2018.

BRETON, DavidL e. Adolescência e comunicação. In: LIMA, Nádía Laguárdia; STENGEL, Márcia; NOBRE, Márcio Rimet; DIAS, Vanina Costa (Org.) *Juventude e cultura digital: diálogos interdisciplinares*. Belo Horizonte: Artesã, 2017.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. Análise dos resultados TIC Kids online Brasil 2016. In: _____. TIC Kids online Brasil 2016. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil 2017. Disponível em: <<http://cetic.br/pesquisa/kids-online>>. Acesso em: 19 nov. 2017.

COSCARELLI, Carla Viana. Navegar e ler na rota do aprender. In: COSCARELLI, Carla Viana (Org.) *Tecnologias para prender*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.